

SAGARANA

João Guimarães Rosa deixou marcas na literatura brasileira. Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908. Prestou concurso para o Itamarati e em 1938 deu início à carreira diplomática.

Estreou na literatura em 1946 com *Sagarana*. Publicou Também a obra *Corpo de Baile*. Sua obra prima e único romance é *Grande Sertão: Veredas*.

Rosa coloca o cenário do sertão para tratar das temáticas universais, como a luta entre o Bem contra o Mal, a Vingança, o Ciúme, a busca da redenção e assim por diante.

O título SAGARANA é um neologismo. **Saga** é uma palavra de origem germânica, que significa narrativa épica, e **rana** é de origem tupi, significa “à maneira de”; quer dizer, são narrativas contadas à maneira de epopeia, feitos heroicos, maravilhosos.

- **“O Burrinho Pedrês”**

Um velho burrinho chamado Sete-de-Ouros vivia já aposentado em uma fazenda. Sua história é longa e já passara por muitos donos. Trabalhara muito agora descansava na fazenda do Major Saulo. Ele representa a sabedoria do estoicismo, a serenidade, o aceitar todas as adversidades sem trepidações.

Um grupo de vaqueiros precisava levar uma boiada a um povoado. Ninguém se lembraria dele se alguns cavalos não tivessem fugido por causa de uma tempestade que se deu no dia anterior.

Sendo assim os boiadeiros deixam a fazenda. Eles chegam no povoado com a boiada e ficaram no bar bebendo. O Badu ficou completamente bêbado e por isso saiu mais tarde que os outros, sobrando para ele o burrinho. Os vaqueiros chegaram em um rio e chovia muito de modo que ocorreu uma enchente, mesmo assim eles todos entram nas águas, inclusive Badu com o burrinho. Este vai nadando e na agonia Francolim cai do cavalo e se agarra na cauda do animalzinho.

Badu e Francolim foram os únicos a se salvar, naquela noite oito vaqueiros morreram afogados.

“Traços biográficos de Lanino Salathiel” ou “A Volta do Marido pródigo”

Lalino Salathiel (Laio) trabalha em uma mineração nas proximidades de BH. Seu comportamento é de um malandro, sempre chega atrasado no trabalho, conta histórias mas é uma pessoa simpática que todos gostam, inclusive o patrão o “Seu Marra”.

Laio é casado com Ritinha, por quem demonstra muita afeição, mas ele tem um anseio de conhecer a vida noturna do Rio de Janeiro. Um dia, pede dinheiro emprestado para um espanhol, o Ramiro, e parte para o Rio sem se despedir da mulher. O espanhol empresta o dinheiro pois este de olho na mulher de Laio. Três meses depois Ritinha vai morar com o Ramiro.

Passam-se seis meses em que Laio passa dissipando dinheiro com mulheres no Rio, após esse período ele repudia essa vida e regressa. Logo arruma um emprego, depois vira cabo eleitoral do Major Anacleto. Muitas coisas acontecem até que Ritinha se desentende com o espanhol que é inimigo político do Major. Eles ganham a eleição, Lalino e Ritinha se reconciliam e os espanhóis são expulsos das terras do Major.

- **“Sarapalha”**

Argemiro e Ribeiro viviam em um arraialzinho na beira de um rio, um lugar cercado por mato e que ficou deserto por causa da malária. Uma preta velha cuidava deles, condenados a morrer aos poucos por causa da doença. Um cenário desolador.

Ribeiro foi abandonado pela mulher. Argemiro recorda a mulher a mulher do primo, ele gostava de Luísa. Ribeiro diz não ter raiva da mulher, mas mataria o cara com quem ele fugiu. Argemiro também amou a mulher do primo e resolve desabafar, nunca faltara com respeito com a mulher do primo, fora um amor proibido e silencioso. Entretanto Ribeiro recebe a confissão como uma punhalada e trata Argemiro como uma serpente,

expulsando-o, sem sequer aceitar seus argumentos. O conto se encerra com o delírio de Ribeiro.

- **Duelo**

Turíbio Todo, era seleiro de profissão, tinha pelos compridos nas narinas, e chorava sem fazer caretas: papudo, vagabundo, vingativo e mau. *Mas, no começo desta estória, ele estava com a razão.*

Certo dia avisou à mulher que iria dormir na casa de um primo, porém mudou de ideia e quando chegou em casa pegou a mulher em ato de adultério com Cassiano Gomes. Todavia nada fez pois sabia que o adúltero era bom nas armas. Dia seguinte tratou bem a mulher, esperou a noite para pegar o homem. Ficou de tocaia na casa de Cassiano e acertou-o com um tiro na nuca.

Entretanto Turíbio acertou o irmão de Cassiano, por isso resolveu fugir com medo da vingança. A perseguição durou meses e Turíbio resolveu ir para São Paulo. Cassiano tinha problemas no coração e teve um ataque, mas ficou amigo de um sujeito muito pobre e raquítico, chamado *Vinte-e-um* que perdera já dois filhos pela pobreza e o terceiro estava doente. Cassiano Gomes dá dinheiro ao esse miserável que fica eternamente agradecido. Cassiano se confessa a um padre e comunga, more e vai para o céu.

Turíbio fica sabendo da morte através da mulher, que lhe envia uma carta. No caminho de volta. Muito alegre, puxa prosa aconselhando o sujeito ir para São Paulo ganhar dinheiro.

Era o *Vinte e um* que o mata vingando Cassiano, para quem havia prometido matar o Turíbio em forma de agradecimento.

- **Minha gente**

O narrador-personagem vai passar uns tempos na fazenda do seu tio Emílio. Ao chegar é bem recebido por seu tio e por sua prima Maria Irma, sua antiga namorada. Mais tarde o protagonista declara seu amor à prima e fica desapontado.

Entretanto a prima apresenta Armanda, moça rica, educada, estudada, com parente no Rio e desimpedida, não mais noiva do Ramiro. No final o protagonista casa-se com Armanda e a prima Maria Irma se casa com Ramiro.

“Maria Irma é feiticeira” como o próprio narrador afirma. “Minha gente” é uma novela sentimental com paisagem rural, que traduz os hábitos e costumes do povo mineiro do interior e as lições do viver sertanejo.

- **São Marcos**

A personagem é José, **Izé**, que faz pouco caso do feiticeiro João Mangolô. A estória se passa em Calango-Frio. Izé caminhava pela mata quando encontra a casa do feiticeiro e zomba do preto.

José riu e seguiu caminho. Quando de repente, sentiu um encosto, começou a ficar cego. Entrou em desespero e começou a rezar. Saiu pela mata se arranhando pelos espinhos e sem enxergar nada. Finalmente escutou os porcos do preto feiticeiro João Mangolô, entrou na casa deste e o atacou. Já estava estrangulando o feiticeiro quando a visão começou a clarear. Aí o preto explicou que tinha posto um feitiço.

O conto gira em torno de superstições do sertão, colocando o incrédulo protagonista em um feitiço. A magia das palavras, a exuberância da natureza, a valorização dos sentidos além da visão são os temas também desse conto.

- **Corpo Fechado**

Manuel Fulô é metido a valentão mas militante de covarde, figura patética, conta causos de valentões ao médico da cidade (narrador da história) que se diverte com a figura e acaba até lhe pagando cervejas. Acontece que Manuel tinha uma mula chamada

Beija-flor, sábia e mansa. E esse animal era cobiçado por um sujeito chamado Toniquinho das Águas, este por sua vez tinha uma sela cobiçada por Manuel.

Então um queria a mula para usar a sela, outro queria a sela para colocar na mula. Acontece que o tal Toniquinho sabia uma mandingas de Corpo Fechado (feitiço para impedir ferimentos de faca ou bala).

Quando Manuel está contando das suas no bar, entra um valentão e diz que quer sua noiva.

Manuel entrega a mula para o Toniquinho que fecha o corpo do rapaz que vence o valentão com sua faquinha. Depois ele dá uma festa.

- **Conversa de Bois**

A narrativa gira em torno de uma tragédia ocorrida ao carreiro Agenor Soronho, que transportava o corpo do pai de um menino que chorava e lamentava a morte do pai. Entretanto o contexto é que esse tal Soronho, aproveitando-se da debilidade do pai antes de morrer, mantinha um relacionamento amoroso com a mãe.

O corpo do defunto vinha sendo transportado em cima de uma carga de rapaduras por um carro de bois e o Agenor Soronho, este não respeitava o pai de Tiãozinho e só concordou levar o caixão por causa da carga de rapaduras. Os bois conversam e um conta estórias aos outros. Tiaõzinho chora a situação vivida e tem raiva do seu Agenor, que não respeitava o pai doente, indo visitar sua mãe.

Agenor dorme em cima do carro de bois e vai escorregando enquanto os pensamentos do menino se confundem com a fala dos bois. Estes percebendo que o sujeito corre perigo, avisam para o menino gritar, é o que ele faz.

Os bois saem em disparada e Agenor Soronho é esmagado no pescoço pela roda esquerda do carro.

- **A hora e vez de Augusto Matraga.**

Augusto Esteves Matraga ou Nhô Augusto, valentão e de má índole. Mora em um lugarejo chamado arraial da Virgem das Dores do Córrego do Murici. Bebe muito, não respeita filha de ninguém. A mulher, Dona Dionora, e a filha sofrem com esse temperamento, duro, doido, sem detença qual bicho do mato, vivia sem se importar com as duas.

Diodora manda o Quim Recadeiro chamar Matraga, mas esse não vai. Dona Dionora tem medo dele, senão fugiria com Seo Ovídio Moura, que gostava muito dela.

Matraga foi criado para padre por uma avó, mas transformou-se abrutalhado, mulherengo e cheio de dívidas. Por isso foi abandonado por seus capangas que passaram para o lado do Major Consilva. A mulher também acaba fugindo com o amante. Diante dessa situação Nhô Augusto resolve ir à forra. Mas é recebido com pancadaria pelos jagunços do major Consilva. É marcado a ferro e nessa hora cai em um precipício e tido por morto. Salvo por um casal de negros, ouve os conselhos de um padre.

Em meses está recuperado, trabalha sem parar porque deseja salvar a alma. Reza o terço todos os domingos. Não fuma, não bebe, não olha para mulheres.

Nhô Augusto diz: “pro céu eu vou nem que seja a porrete”.

É por esses tempos que aparece pelo arraial um bando de jagunços liderados pelo Seu Joãozinho Bem-Bem, Nhô Augusto e ele desenvolvem um grande laço afetivo. A tropa parte no dia seguinte.

Com a chegada do verão, Matraga resolve partir com um jumentinho através do sertão. Chega no arraial do Rala-Coco, onde se enche de alegria por reencontrar seu amigo Joãozinho Bem-Bem. Mas um acontecimento triste mancha aquele momento tão feliz, o Juruminho, um dos jagunços que Nhô Augusto simpatizara havia sido morto à traição por um jovem que fugira, mas cuja família residia no arraial e esta iria pagar.

Nisso entra um velho implorando a Joãozinho poupar sua família. O chefe recusa o pedido e diz que vai cumprir a vingança. O velho invoca a Virgem. Aí Matraga entra na briga, liquida todo o bando, restando apenas Joãozinho Bem-Bem contra quem Nhô Augusto trava um combate de morte até feri-lo mortalmente, mas ele também se vê fatalmente machucado.

As pessoas tentam tripudiar sobre o cadáver de Joãozinho mas Matraga os repreende. E morre como santo.

ESTRUTURA DA OBRA

Linguagem regional. Cenário no interior de Minas. Comum uso de epígrafes que são citações, com farta nomeação de lugares.

TEMPO

Indeterminado, psicológico

ESPAÇO

Interior de Minas, aldeias e vilarejos, povoados. São Paulo e Goiás.

FOCO NARRATIVO

Terceira pessoa, exceção de “Minha Gente”. Linguagem como instrumento de pesquisa. Regionalismo universalizante.

ESTILOS

Renovação do romance e da narrativa. Multivisão metafísica. Presente o Maniqueísmo, luta do Bem contra o Mal. Linguagem poética. E uso de Neologismos.

BIBLIOGRAFIA

ROSA, G. *Sagarana*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1976.

CHACON, G. *Literatura para o vestibular*. São Paulo, Burity, 1995.